

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos aos leitores e autores a décima nona edição da Revista *Cadernos de Campo*. Fruto do trabalho conjunto dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – de Araraquara, esta revista tem exercido o importante papel de divulgar a produção de estudantes de pós-graduação de todo o país, publicando artigos, resenhas, traduções e entrevistas. A *Cadernos de Campo* conta atualmente com duas edições anuais, publicadas em versão impressa e digital, o que favorece amplamente a circulação do conhecimento produzido no âmbito das pesquisas em Ciências Sociais.

No intuito de consolidar esta publicação como fonte de consulta e divulgação da produção dos alunos de pós-graduação, e tendo como finalidade aglutinar pesquisadores e demais interessados no fenômeno da violência na sociedade é que propusemos esta edição temática “*Violências e (In) Tolerâncias*”. Assim, os treze textos que compõem este número abordam a questão a partir de perspectivas teóricas diversas, explorando suas interfaces com o campo político institucional e com o fenômeno religioso. Apontam também para suas manifestações simbólicas, culturais e morais, sobretudo articuladas às dimensões de classe e étnico-raciais, permeando as lutas por reconhecimento e direitos na sociedade contemporânea.

Assim, abrindo esta edição, temos o artigo **Classes sociais, consumo e violência simbólica** onde Rebeca Rebollo de Campos analisa um campo de disputa recente na sociedade brasileira a partir do conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu. De maneira mais específica, a autora problematiza o aumento do consumo entre as camadas mais pobres no Brasil na primeira década do século XXI e aponta como as camadas que já tinham acesso a tais bens procuram novas formas de se diferenciar, buscando recriar a distinção posta anteriormente.

Seguindo também a esteira dos conceitos do sociólogo francês, Alexandre Aparecido dos Santos analisa em **O mercado simbólico da informação: violência simbólica e a eleição de 2010** as relações entre as esferas

da mídia e da política no Brasil enfatizando a violência simbólica e atentando para o mercado das trocas linguísticas em nosso país. Partindo da análise da produção discursiva do ano de 2010 de dois importantes periódicos – as revistas *Veja* e *Carta Capital* – o autor formula interessantes questionamentos sobre a importância, tendo em vista a eficácia das trocas simbólicas, da relação entre o mercado simbólico da informação e o espaço de disputa pelo poder político no país.

Em **Linchaquara – o assassinato dos Brito**, Luís Michel Françaço percorre o trajeto histórico dos acontecimentos relacionados ao assassinato de dois membros da família Brito na cidade de Araraquara, ocorrido em 1897. Esse período era de constante mudança no estado de São Paulo, uma vez que com a expansão do café pelo Oeste Paulista a região de Araraquara passava por uma grande mudança econômica que levou a várias problemáticas na região, incluindo intolerância contra minorias. O emblemático caso dos Brito acabou virando referência em vários momentos distintos durante o século XX.

Em **Interfaces entre religião e política no Brasil: refletindo sobre políticas públicas para o fortalecimento dos direitos humanos** Vitor Hugo Rinaldini Guidotti baseia-se na pluralidade de religiões que compõem a sociedade brasileira e em suas manifestações nos mais variados espaços para refletir acerca das relações entre políticas públicas, direitos humanos e religião em nosso país. O autor aponta para a necessidade de políticas de ações afirmativas voltadas para a promoção do direito à livre garantia de crença religiosa, tendo em conta que o cenário brasileiro apresenta-se sob a forte influência do cristianismo. Ao final, propõe que a educação e o espaço escolar sejam canais para efetivação de tais políticas.

Considerações sobre a violência pela ótica de Johan Galtung: alguns aspectos do terrorismo e o advento da intolerância, de Rodrigo Augusto Duarte Amaral problematiza o terrorismo como forma de ação de combate nos conflitos contemporâneos entre comunidades políticas fracas e potências militares tradicionais, debatendo a desproporcionalidade e os limites das ações militares. Baseado na compreensão do sociólogo Johan Galtung e nas reflexões de Michael Walzer o autor aponta para a construção de discursos de intolerância na sociedade, evidenciando a existência da violência cultural.

Seguindo o debate acerca da intolerância e dos grupos chamados terroristas, **A barbárie em nome de Deus: obscurantismo e intolerância religiosa no Oriente Médio como a antítese do Islã** de Danilo Porfírio de Castro Vieira traz elementos importantes para pensarmos sobre o Direito Islâmico no contex-

to contemporâneo de ascensão do movimento “jihadista” no norte do Iraque e no leste da Síria. Fruto da união de facções armadas que controlam a região o chamado ISIS (Islamic State of Iraq and Syria) instalou um regime de repressão radical e cruel contra opositores políticos e minorias religiosas. O autor problematiza a legitimidade político-religiosa do califado autoproclamado e analisa se as ações promovidas contra minorias religiosas e étnicas condizem realmente com o Direito Islâmico.

Ricardo Cortez Lopes traz em **Violência e/da Representação em “O Estrangeiro”, de Albert Camus: uma perspectiva da Sociologia da Moral** interessante análise da obra literária em questão, buscando apontar – a partir de fatos violentos do livro – um núcleo da representação coletiva de violência sancionável juridicamente. Conclui o autor, embasado por uma perspectiva da Sociologia da Moral, que a obra descreve o processo de interiorização da violência, desde a passividade até a punição pela sua prática.

“Sem derramamento de sangue”: religião e violência na prisão foi escrito por Eliakim Lucena de Andrade a partir de uma análise essencialmente etnográfica entre os internos de uma casa de custódia onde atua o Projeto Renascer. O autor reflete neste artigo as relações entre religião e violência, atentando para uma moralidade cristã pentecostal presente entre os internos. A partir dos relatos apresentados o autor demonstra como a religião, nesta casa de custódia, exerce sobre os presos uma ação de controle das emoções e regula os conflitos cotidianos dos presos.

Violência moral e reconhecimento de Marcelo H. Martins traz importante reflexão sobre o fenômeno da violência moral. Partindo de uma excelente exposição da contribuição teórica de Axel Honneth em relação ao conceito de reconhecimento, o autor demonstra como Honneth (2003) buscou reatualizar a teoria crítica a partir deste conceito outrora proposto pelo jovem Hegel. A importância deste desenvolvimento subsequente é apontada pelo autor tendo em vista sua capacidade de reorientar a filosofia social na abordagem dos conflitos sociais. Conclui o autor que o jovem Hegel baseou-se na ideia de que os conflitos sociais emergiriam e se justificariam a partir da pretensão do sujeito em ser reconhecido como uma pessoa de igual valor no interior de uma coletividade. A denegação do reconhecimento tem como consequência a violência moral presente na sociedade.

No artigo **A violência contra a população de negros/as pobres no Brasil e algumas reflexões sobre o problema** Pedro Barbosa contribui com o debate sobre o racismo, intolerância e a violência contra a população negra

brasileira, dando principal destaque à juventude negra. Concentrando-se em como este fenômeno atinge este segmento social, o autor reconstrói seus antecedentes, vinculando-o à economia escravista como fator principal para a institucionalização da violência em relação à população negra pobre brasileira. Aponta também o papel do Movimento Negro no combate às heranças estruturais e ideológicas da escravidão em nosso país e finaliza trazendo dados sobre o segmento que mais é atingido pela violência em suas diversas manifestações – a juventude negra.

Em **Alteridade e empatia: novos paradigmas para as humanidades no século XXI?** Fabio Gerônimo Mota Diniz nos traz um ensaio onde é discutido o papel do estudioso das Ciências Humanas face aos dilemas da contemporaneidade, especialmente aqueles que desautorizam o papel humanístico da universidade e abrem espaço para discursos violentos, associados ao pensamento mercantilista conservador. O autor nos apresenta dois paradigmas que considera como intrínsecos ao trabalho do humanista – alteridade e empatia – e confronta tais paradigmas com o crescimento do discurso violento, especialmente aquele associado ao mercado.

Temos ainda duas importantes contribuições na forma de resenha que encerram esta edição. Na resenha da obra de Paul Amar **The Security Archipelago: Human-Security States, Sexuality Politics, and the end of Neoliberalism** Bruno Ferraz Bartel faz uma ampla análise das várias manifestações de violência por todo o mundo, sendo que em vários países a sensação de insegurança tem se fortalecido de maneira bastante intensa. Assim, a partir dessa perspectiva os estados procuram a resolução das situações de maneiras distintas, procurando combater essa expansão das mais variadas maneiras, embora em muitos casos não se levem em conta as contradições existentes dentro dos próprios países (como as questões econômicas).

Por fim, Emerson Antonio Lazaro Prata resenha **El Dios Personal: La Individualización de la religión y el “espíritu” del cosmopolitismo de Ulrich Beck**, discutindo as estreitas relações entre os processo de modernização reflexiva e de individualização religiosa. O autor nos traz os pontos argumentativos e interpretativos principais desta obra, que discute o processo de cosmopolitização e suas implicações para as relações sociais em nível mundial. O autor aponta ainda a inovadora contribuição de Beck – à luz do processo de cosmopolitização – para os estudos sobre as relações entre religião e sociedade, mesmo que este autor não tenha a religião como objeto central de toda sua produção sociológica.

A todos que se empenharam para a conclusão de mais essa etapa do trabalho da *Cadernos de Campo* – professores avaliadores e colaboradores, discentes do programa, profissionais técnico-administrativos e autores, nosso muito obrigada.
Boa leitura!

Rosemeire Salata
Editora-chefe
rosemeire.salata@gmail.com

